

Machado de Assis : anti-apologista, anti-romantico, anti-realista

André Luiz Barros da Silva

Em « Le Romantisme et Camoens »¹, Eduardo Lourenço descreve como o autor de *Os Lusíadas* foi relido e passou por um processo de mistificação conduzido por alguns proceres do romantismo oitocentista português, como Almeida Garrett e Oliveira Martins, de forma a ganhar o status de símbolo da História e do destino que estaria reservado ao país. Lourenço mostra como foi a voz reconhecível do poeta, uma « voz rouca de herói fatigado, com seus transportes diante do arbitrário da sociedade e dos poderosos (...), sem falar da vertigem erótica algumas das mais famosas estrofes do poema »². Lourenço mostra, com muita percuciência, como alguns traços temáticos, linguísticos ou formais da obra (por exemplo, a palavra *saudade* e as torções de significado empreendidas por Garrett), assim como traços mesmo biográficos de Camões, foram readaptados e incorporados pelo romantismo e, na sequência, pelo imaginário português em geral, que se viu, assim, reformatado. O esforço, a um tempo rigoroso e panorâmico (no sentido braudeliano de « História de longa duração ») feito por Lourenço a fim de descrever as mutações do imaginário considerado nacionalmente nos leva a pensar em como descrever a força também centrípeta da

¹ In Lourenço, Eduardo. *Nos e a Europa ou As duas razões*. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 103-113.

² Idem, p. 106.

obra de Machado de Assis no seio do imaginario brasileiro. Tarefa a um tempo perigosa, dada o proprio alcance dessa força, que se faz sentir a cada momento que um brasileiro evoca o nome de Machado, e necessaria, no sentido de uma « psicanalise » à qual a cultura brasileira nao é nada afeitada, ao contrario da portuguesa, que tem pensadores como Lourenço e, para nao ficar restrito, também da francesa e da alema, a primeira por razoes dir-se-ia de « temperamento nacional » e, a segunda, por razoes e necessidades historicas.

E claro que varios fatores afastam o tratamento da « mitologia Camoes » do da « quase mitologia Machado de Assis ». Em primeiro lugar, o momento é outro, nao mais romantico. Em segundo, a forma de mitificação é diferente, pois ela se da a partir ja de uma critica ao romantismo. Enfim, trata-se, obviamente, de outra cultura, afastada geografica e, por vezes, espiritualmente da Europa, tendo conseguido a independencia havia poucas décadas. Se Lourenço reconhece em Portugal um destino ligado inextricavelmente à idéia de periferia, a literatura e, por extensao, a cultura brasileira seria « galho secundario da portuguesa », como definiu Antonio Candido. Ou seja, periferia ao quadrado. Que isso nao soe aqui como mania de inferioridade, mas como simples elemento de auto-analise. Apesar das divergencias entre os dois, os criticos e pensadores brasileiros Luiz Costa Lima e Roberto Schwartz tem destacado a noção de periferia ao tratar do « fenomeno » Machado de Assis. Tentaremos aqui uma convergencia relativa ao que ha de denominador comum nas noções dos dois criticos quanto à idéia de periferia, aproximando-os, por fim, da concepção de Eduardo Lourenço. Do mesmo modo, a noção de imaginario nacional aparecera como um pressuposto que teve exatamente no romantismo seu mais genial promotor na cultura ocidental, embora vivamos, hoje, o momento da dissolução desse « sonho ». Pensemos, quanto a isso, na analise de Lourenço quanto ao fato de que essa sofreguidao em buscar um centro onde o Sentido, com S maiusculo, teria seu pouso definitivo e preponderante, seja mais um sintoma de auto-comiseração do que postura ancorada na realidade, isso em um momento em que a propria Europa tenta por em pratica, como destino,

uma re-centralização em si « de um sentido ético que nem sucesso económico, nem *performance* científica, nem sofisticação pensante podem substituir »³.

Desse modo, pretendemos não apenas lamentar o destino periférico – o que Lourenço também está longe de fazer – mas apontar para uma possível positividade, uma afirmatividade vinda da borda, da periferia. Assim, a própria obra de Machado de Assis nos parece um fato afirmativo com peculiaridades bem próprias, que nos esforçaremos para demonstrar. A um tempo inesperada no panorama cultural brasileiro da época e ambigua a mais não poder no que toca ao sentido dir-se-ia filosófico e ético para o qual aponta, essa obra tem características desconcertantes que só farão amplificar os desdobramentos e as consequências de sua leitura. A título de antecipação, deixamos no ar a pergunta: teriam sido certas características próprias a uma cultura periférica e sem grandes marcos mitológico-literários precedentes (à exceção de José de Alencar e Gonçalves Dias, dois dos artifices do nosso fantasista romantismo nacionalista) as responsáveis pela rápida institucionalização e semi-mistificação de Machado como um « Mestre » ou um « Bruxo » da literatura brasileira ?

Antes de arriscar uma resposta à questão, comecemos indicando que Machado e sua obra dita « de maturidade » surgem no panorama cultural – especificamente com *Memórias postumas de Bras Cubaz*, de 1881 – em um momento logo posterior ao que Lourenço indica como sendo o da « Geração 70 » em Portugal e, portanto, posterior à reviravolta empreendida por Oliveira Martins e Antero de Quental no tocante ao « processo de mitificação oitocentista » de Camões. O momento, como mostra Lourenço, é de uma auto-crítica da primeira e da segunda mitificações românticas do bardo, como se a forte tendência à canonização e à busca de uma essencialidade humanista (ou seja, cultural) supostamente ancorada em Camões fosse vista, pela primeira vez, como absurda idealização afirmativa. Da afirmação parte-se, então, para a negação : Oliveira Martins torce o sentido da palavra *saudade*, tornando-a expressão do sentimento de

³ Idem, p. 37.

uma nação que à época do próprio Camões já teria começado a notar e sentir sua própria inexorável decadência: a *Saudade* é *saudade* de um país decaído. Lourenço lembra da cena final de *O crime do padre Amaro*, escrito por Eça de Queiroz, amigo de Oliveira Martins e modelo concorrencial para Machado de Assis: melancólica e grotescamente, os personagens circundam a estatua de um Camões impotente, exilado da História, como Portugal.

Do outro lado do Atlântico, seis anos depois é lançado o romance *Memórias postumas de Braz Cubas* propondo uma postura totalmente oblíqua tanto à mitificação fantasiosa de uma natureza típica e selvagem como ícone da essência da nação, quanto à auto-mitificação da voz autoral expressiva romântica. Com nonchalance, cinismo, volubilidade de temas e julgamentos éticos, «arbitrio narrativo» (R. Schwartz), ceticismo anti-pedante (à la Montaigne), enfim, uma ironia que atira para várias direções, o tom do narrador do romance é novidade total a ser analisada pelo século vindouro. O mesmo tom reapareceria em mais quatro romances e vários contos e crônicas, até a morte de Machado, em 1908. Nessa data, Machado já é, há algum tempo, o «Mestre», o «Bruxo do Cosme Velho», o bairro em que viveu a vida toda, em suma, o proclamado maior escritor do país, em um tempo em que o título correspondia a «oráculo da nação» ou «genio da raça», epítetos típicos do pendor mistificante romântico de que vínhamos falando. Ora, de saída já se percebe que todos aqueles substantivos adjetivantes que qualificam o tom do narrador machadiano, destacados por críticos como Costa Lima e Schwartz, já citados, já por si vão contra a forte tendência romântica. Como destaca A. Candido, a postura geral de Machado é tentar encontrar uma «terceira via» que não o romantismo nem o realismo, preponderantes em sua época. Parece-nos, portanto, que a grande aposta de Machado – estivesse ele ou não plenamente consciente dela, como sói acontecer com criadores – foi numa recepção que ecoasse essa sua postura oblíqua, e criasse assim um *locus* simbólico no campo da cultura brasileira de sua época para um autor por excelência anti-apologista (de si mesmo e da nação) e mesmo sintonizado

com traços nada respeitáveis da ética cotidiana das elites brasileiras, assim como quem quer desnuda-las sem perder seu valioso aplauso institucionalizante.

Nesse ponto, estamos mais ou menos no centro da polemica, produvamente irresolvida, sobre estratégias, valor e consequências legíveis na produção e na recepção da obra de Machado. Para Schwartz, a volubilidade temática e ética e até certa agressividade do narrador são signos de uma « redução estrutural » (termo de Candido) pela qual Machado teria desejado espelhar literariamente as características constituintes da elite brasileira da época. Volubilidade, incoerência ética, arbitrariedade : sintomas visíveis das classes dominantes. « ...haveria problema em figurar simultaneamente como escravista e indivíduo esclarecido ? Para quem cuidasse de coerência moral, a contradição seria embaraçosa. Contudo, uma vez que a realidade não obrigava a optar, por que abrir mão de vantagens evidentes ? » ; e, apontando para um sentido de positividade da postura machadiana : « Coerência moral não seria outro nome para a incompreensão do movimento efetivo da vida ? (...) Promovida por interesses de classe estáveis, ligados ao travejamento histórico da sociedade, a acomodação cotidiana entre aceções de convívio que segundo a ideologia europeia então dominante se diriam contraditórias engendrava e difundia pelo corpo social a oscilação de critério que estamos tratando de captar ». E, enfim, como forma sintética conclusiva : « Assim, a vida brasileira impunha à consciência burguesa uma série de acrobacias que escandalizam e irritam o senso crítico »⁴.

Para Luiz Costa Lima, Machado teria empreendido, com seus romances de maturidade, uma alegorização da sociedade brasileira da época, e a recorrência a um *topos* de linguagem que tem suas raízes na retórica clássica e eclesial (a alegoria) não teria impedido Machado de usá-la não de forma abstratizante, mas como estratégia literária geral e de fundo no sentido de espelhar a sociedade na literatura. Apesar das acusações de um alheamento político de Machado, este teria

⁴ Schwartz, R. *Machado de Assis, Um mestre na periferia do capitalismo*. Editora Duas Cidades, São Paulo, 1989, p. 145.

tratado da concretude da via social com olhar crítico, mas com estratégia narrativa pre-romântica, exatamente com vistas de (conscientemente ou não) fugir tanto ao romantismo quanto ao realismo. A citação precisa ser longa para esclarecer o ponto em que o crítico toca : « A esterilidade não é a chave mestra das *Memórias* porque seja defunto seu autor. As palavras com que ele se define valeriam para os outros narradores [*de seus próximos romances de maturidade*] : ‘Morriam uns, nasciam outros : eu continuava às moscas’. Dizer-se assim estéril é dizer estéril a sociedade onde a sua conduta era a legitimada. Conduta de um ocioso, que tenta ora os salões, ora o emplastro como formas de acesso à dignidade. O que se assinala não é pois a futilidade de uma vida, mas o seu desperdício, socialmente motivado. A morte então que pontua a narrativa não é um acontecimento físico, mas uma marca que instala seu sentido no preenchimento de cada intervalo (...). O que então parecia um Machado com um vago ar filosofante, espécie de repulsa ao balé da sociedade, começa a se mostrar como uma reflexão ficcional sobre a própria sociedade »⁵.

A crítica da sociedade em sua concretude, da forma oblíqua ou ambígua como Machado a empreende – já que, no limite, sua crítica à elite se parece bastante com adesão –, é análoga à crítica à postura de auto-idealização típica do gênio romântico. É óbvio que Machado não deixou de buscar reconhecimento institucional, tornando-se mesmo fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Outra vez, demonstrando mestria diante do inescapável contraditório típico da cultura e do cotidiano brasileiros, as ironias e o ceticismo de Machado diante da glória idealizada não significou aderir à idealização contrária, ou seja, à luta do autor-gênio romântico *contra o status quo* social e até contra seu público ; Machado incorporou tudo isso à obra, à narrativa, daí até mesmo a agressividade percebida no tom de seu narrador diante do leitor, ao qual muitas vezes simula solenemente desprezar. Isso não significava, ainda mais em uma sociedade como a brasileira, abdicar das lutas pela preeminência e pela

⁵ Lima, L.C. *Dispersa demanda*. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1981, p. 72.

sobrevivencia social – não cabia a Machado a postura de um Baudelaire perdido nos trópicos, que será experimentada, em algum grau, e com consequências totalmente diversas das percebidas no seio da cultura francesa, com um Lima Barreto, autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Mas com Lima Barreto a discordância com a sociedade não é só estética e ideológica, chega às raias do alcoolismo e da demência e o autor acaba seus dias em um manicômio.

Pretendemos agora nos apoiar em um documento pouco relido que nos levara a perceber, com mais proximidade, alguns aspectos da recepção da obra e da figura autoral de Machado em meio ao cenário cultural de seu país e de sua época. Espero que essa pequena análise possa me ajudar a descrever, de alguma forma, a referida obliquidade de Machado em relação a sua época, decerto não totalmente consciente, ao contrário do que defendem alguns críticos.

Em um discurso proferido na Sorbonne, em Paris, a 3 de abril de 1909, ou seja, poucos meses depois da morte de Machado, o então embaixador brasileiro em Bruxelas e amigo pessoal de Machado, Oliveira Lima, mostra-se surpreso com a repercussão popular dos funerais do autor das *Memórias* postumas.... « Essa homenagem certamente teria surpreendido o próprio Machado de Assis, pois, em vida, ele nunca procurou algo parecido »⁶. Oliveira Lima descreve o tom insólito e inédito de seu narrador no âmbito do país, na época : « Em primeiro lugar, ele não era o que se convém chamar de um escritor patriótico... »⁷ – daí a surpresa diante da comoção popular). Para Oliveira Lima, Machado « liberou-se dos laços mais estreitos do nacionalismo, que frequentemente chegam ao nativismo e que invadem igualmente os versos »⁸.

Em uma passagem bastante sintomática para quem analisa a tendência mitificadora do romantismo, O. Lima lamenta que, « ao lado do diário imaginário do Conselheiro Ayres, Machado de Assis não tenha escrito o seu, o verdadeiro ».

⁶ In *Machado de Assis – Son œuvre littéraire*. Librairie Garnier Frères, Paris, 1909, p. 20. As traduções de trechos extraídos dessa obra são nossas.

⁷ Idem, p. 21.

⁸ Idem, p. 23.

Mais um indicio, para Lima, do desejo de Machado de aceder à impessoalidade pela obra : « O autor de *Braz Cubas* se esforçou de ver esse universo [*indicado por sua filosofia mais geral*] através de uma ironia céotica e calma, dissimulando tanto que pudesse as inaujetudes e deixando escapar às vezes uma ponta de emoção que ele procurava igualmente não mostrar »⁹. Ou ainda : « Por querer ser impessoal, ou seja, não querer aparentemente ligar sua subjetividade a sua obra compondo-a a partir de elementos objetivos, ele acabou sendo, de algum modo, indefinido no tempo »¹⁰.

Outro dado ressaltado nesse discurso quase funebre – do qual faz parte carta inédita de Machado garantindo a Lima que seu *Memorial de Ayres* sera seu ultimo romance por conta de um cansaço profundo – é uma tentativa de descrição da filosofia propria a Machado, filosofia vista ai como tom geral diante do mundo e do universo, algo que se pode aproximar, de algum modo, daquele tom do narrador de que falavamos ha pouco. Em relação a isso, Lima escreve: “Encontramos o autor em geral hesitante, não quanto à lingua, que é sempre fluida ao mesmo tempo que sobria (...), mas quanto às idéias. Essa hesitação, empregada muito intencionalmente e muito por temperamento (...) provinha de sua filosofia »¹¹. O texto conclui-se com uma frase do *Memorias postumas de Braz Cubas* sintomatica quanto ao que é aqui tratado : « Senhores, vivos, não ha nada tao incomensuravel como o desdém dos mortos »¹². Ora, o recurso de um inédito autor-defunto sem nada de glorioso ou genial a oferecer, muito pelo contrario dada a mediocridade e mesmo o cinismo egoista geral de *Braz Cubas*, permite ao romancista a ironia extrema de pensar sobre a possibilidade da propria subtração diante da premencia romantica da gloria, do sucesso (mesmo que a contracorrente, ou seja, polemico e diabolizado, como no caso de Baudelaire e, mais tarde, das vanguardas) e da auto-mistificação.

⁹ Idem, p. 27.

¹⁰ Idem, p. 29.

¹¹ Idem, p. 26-27.

¹² Idem, p. 85.

Portanto, a nosso ver Machado de Assis não tenta escapar apenas do romantismo e do realismo, estilos dominantes, mas também da auto-mistificação que o romantismo impunha. Nesse sentido, mesmo sobrio e amigavelmente bem colocado, o discurso de Oliveira Lima se inscreve no seio dessa cultura romântica oitocentista, incluindo até um lamento diante do fato de Machado não ter sido mais personalista e auto-promotor e menos discreto e anti-romântico, pelo menos em sua vida social, ou seja, fora da obra. Por outro lado, todo o aparato narrativo de Machado, consciente ou inconscientemente, aponta para um desejo de mascarar sua voz própria, na tentativa de escapar, muitas vezes com « dribles » bem argutos, da queda num modelo auto-referencial. Nesse sentido, se percebe em Machado um movimento contrário ao do processo de mitificação oitocentista de Camões, apontado por Eduardo Lourenço. Tentando “curar” a cultura brasileira (e mundial, por que não ?) da mania mitificadora, Machado opta pela alegorização, um recurso literário emprestado do classicismo pré-romântico, e pela filosofia hesitante que não aponta para sistematizações argumentativas ou concepções sistêmicas do homem e do universo. Um romance como *Esau e Jacó*, que foi publicado às vésperas de sua morte, em 1908, deixa claro o sentido dessa hesitação : é um romance onde nada de fato acontece e, em especial, nem o amor dos gêmeos Pedro e Paulo por Flora, nem a maturidade dessa última e nem a própria proclamação da República no Brasil, que é descrita como acontecimento sem o mínimo fundo de verdade ou convicção ancorada na História, mas como um simples arranjo político para nada mudar – arranjo, aliás, não incomum na História do país, daí a baixa credibilidade dos políticos em solo brasileiro. A hesitação filosófica e a tentativa de se subtrair, deixando apenas à obra a função de pensar e espelhar alegoricamente a realidade social brasileira acabou tendo uma repercussão impressionante no seio da cultura brasileira, fazendo de Machado não um mito inalcançável (apesar do que defendem os entusistas da pretensa hagiografia de Machado), mas um dos maiores céticos e irônicos do século XIX, alguém que tentou falar e olhar crítica e literariamente para a realidade social brasileira sem

apelar nem para a idelização mitificante, nem para a nascente científicização dos argumentos, visível, por exemplo, na defesa de Euclides da Cunha, o autor de *Os sertões*, do sertanejo isolado nos sertões como novo tipo nacional que viria regenerar a raça brasileira por meio de uma força que ficara incolume diante da mistificação das cidades litoraneas¹³. Nem proto-cientista, nem *enfant terrible génial*, Machado tentou trazer um novo tipo de afirmatividade literaria à cena brasileira ao incluir as concepções de uma ética pouco coerente aliada a uma ironia diante da pretensão modelar da cultura e dos homens da cultura romantica ou científico-naturalista europeia. Teria sido Machado, então, um ambiguo e obliquo bruxo da auto-subtração, diante de uma tradição cultural que sempre quis personalizar, individualizar e, por fim, nacionalizar todo e qualquer discurso sobre os homens, o mundo e o universo? Teria sido Machado de Assis um critico do Sentido, com *S* maiusculo, sentido centralizado, centripeto, incapaz de descrever as movencias e transformações pelas quais passava não só a sociedade brasileira, mas a ocidental de forma geral?

Bibliografia

Lima, L.C. *Dispersa demanda*. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1981.

Machado de Assis – Son œuvre littéraire. Librairie Garnier Frères, Paris, 1909.

Lima, L.C. *Terra ignota. A construção de Os sertões*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1997.

Lourenço, Eduardo. *Nos e a Europa ou As duas razões*, Imprensa Nacional /Casa da Moeda, Lisboa, 1988.

Schwartz, Roberto. *Machado de Assis, Um mestre na periferia do capitalismo*. Editora Duas Cidades, São Paulo, 1989.

¹³ A questão é bem analisada em Lima, L.C. *Terra ignota. A construção de Os sertões*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1997.

